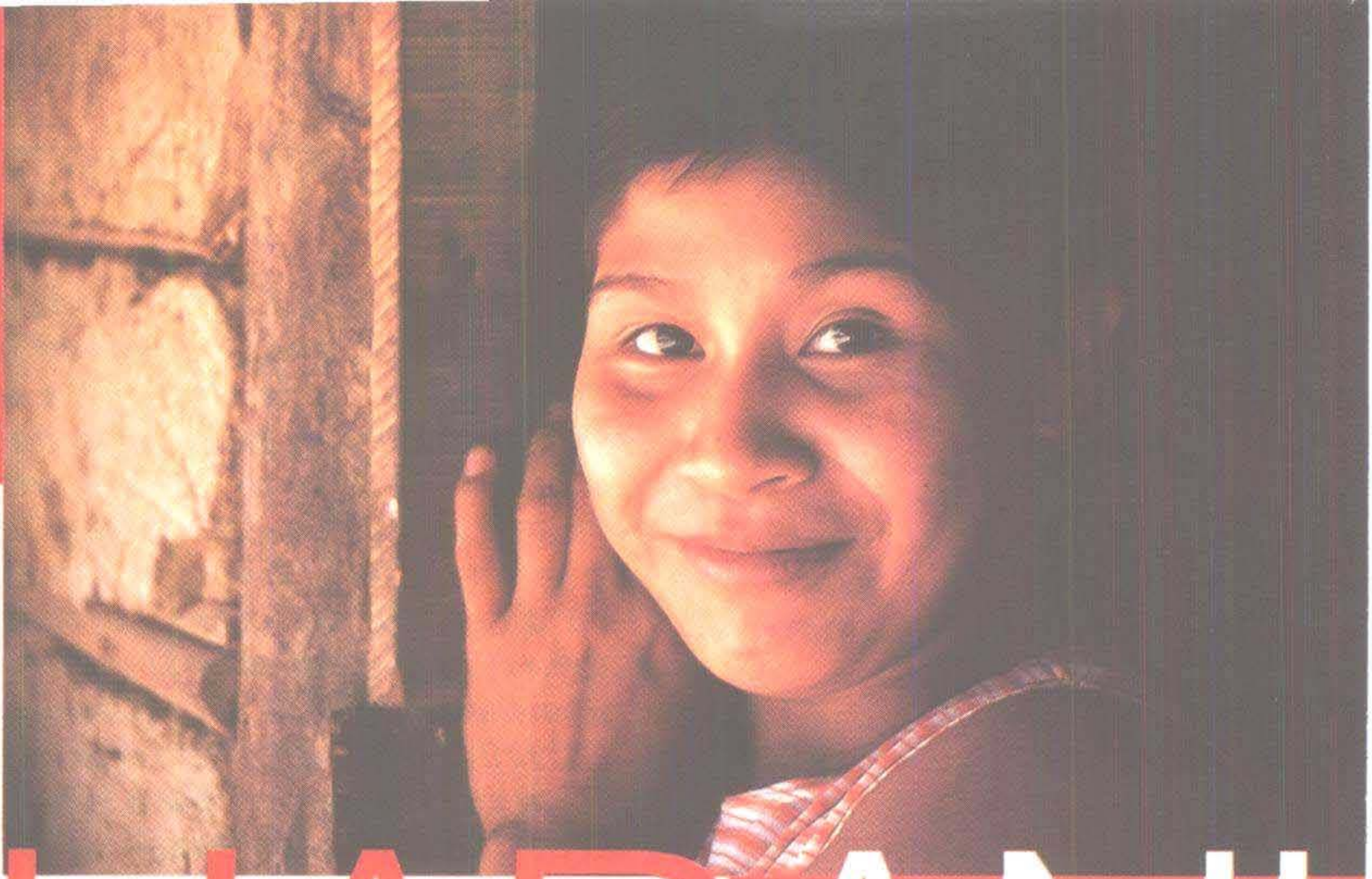


CLAUDIA RODRIGUES



GUARANI

CLAUDIA RODRIGUES, jornalista

À primeira vista, os habitantes de Tekoa Porã vivem no paraíso. O cenário é de grande beleza. Praticamente de qualquer ponto se avista o mar. Chamada Boa Esperança em português, esta aldeia guarani fica numa reserva florestal ao lado da rodovia ES-10, em plena restinga da Mata Atlântica, cerca de 50 quilômetros ao norte de Vitória, num dos trechos mais concorridos do litoral do Espírito Santo.

Aparentemente calmos e seguros de si, os índios sentem-se na realidade confusos e desamparados diante dos brancos, que avançam com suas máquinas, estradas, casas, plantações e propostas. Mais uma vez eles se defrontam com o terrível “choque cultural” que há 500 anos faz os primitivos habitantes da América buscarem o interior das matas como último refúgio. Os guarani não o expressam mas, no seu caso, o confronto talvez seja mais duro ainda porque, como os brancos, eles também são migrantes no Espírito Santo. E migrantes relativamente recentes.

Povo
guardião
de matas
nativas
cercadas
por
eucaliptais

Guarani

Eles chegaram ao litoral capixaba no princípio dos anos 60, vindos do sul do Brasil. A busca da terra prometida por Nhanderu (Deus) começou nos anos 40, quando saíram do Rio Grande do Sul – a pé, naturalmente, como é próprio dos índios – tangidos por uma misteriosa disposição de encontrar a “terra sem males”, o paraíso.

Nós achamos que há uma terra para o nosso povo e essa terra é a terra em que o branco não vai chegar para dizer que é dono, por isso viajamos tanto para chegar aqui, conta Keretxu Miri, 78 anos, a anciã da tribo, que percorreu todo o trajeto, do Rio Grande do Sul ao Espírito Santo.

A MULHER NO COMANDO

Caminhando para o norte, eles paravam nos lugares mais agradáveis – para fazer roças, artesanato, tratar os doentes, enterrar os mortos, facilitar o nascimento das crianças ou simplesmente descansar – e assim permaneciam anos em algumas regiões. Até a chegada de um branco qualquer reclamando a propriedade da terra. Catequizados e pacifistas, eles docilmente batiam em retirada, procurando outra terra para ocupar. Sua migração ao longo do litoral permitiu a fundação ou o fortalecimento de comunidades que existem até hoje em Santa Catarina, no Paraná, em São Paulo e no Rio de Janeiro. O cacique Tupã Kwaray, de Tekoa Porã, explica que seus avós paravam em lugares em que havia uma casa de pedra.

A casa de pedra é um lugar protegido de muito antes dos padres e os

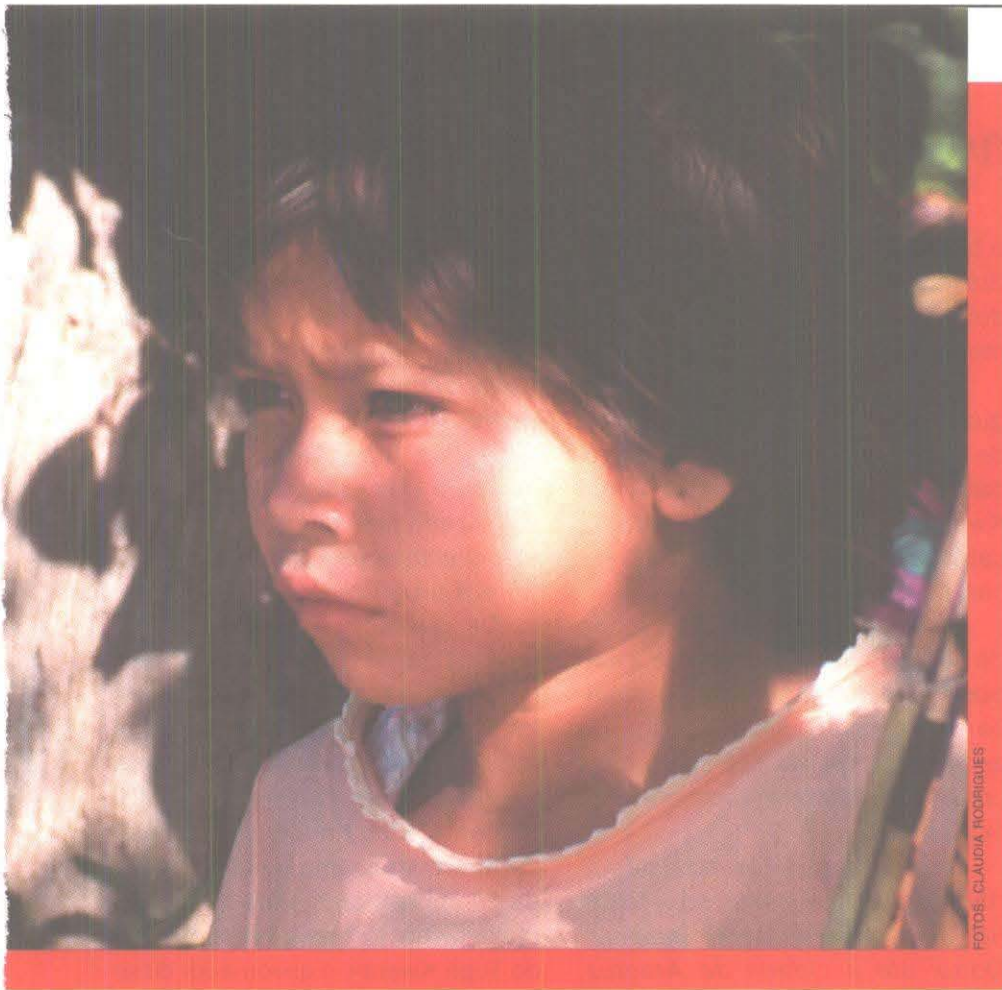
“Eu já tinha doze anos quando precisamos sair de Parati-Mirim, no Estado do Rio. Eu estava estudando um pouco na escola de branco e tinha um pessoal lá da Suíça que nos ensinava a escrever no livro de português. Saímos dali porque tinha branco que morava perto e estava tentando invadir a terra da gente. Tinha um parente meu que já estava quase brigando, xingando o outro por causa da terra. Nós não queremos briga, os mais velhos não estavam querendo fazer briga porque eles cantavam para Nhanderu Tupã, e nós sempre vivemos assim. Quando os brancos querem invadir, querem ficar bravos, querem nos xingar por causa da terra, nós vamos andando, por isso nós vamos sempre andando e chegamos num outro lugar onde podemos fazer aldeia.”

Trecho do depoimento do cacique Tupã Kwaray no livro “Revelações Sobre a Terra – A memória viva dos Guarani”

padres construíram as igrejas em cima das casas de pedra e então era seguro ir para lá.

Ele tem 50 anos e é neto do cacique que liderou a saída das famílias do Rio Grande do Sul. No caminho, ainda em Santa Catarina, o velho cacique morreu, mas a caminhada continuou sob a liderança de sua mulher, Tatãti ou Maria, avó de Kwaray. A migração era sempre retomada pelo motivo original – a pressão dos brancos pela terra. Finalmente, na década de 60 seis famílias guarani chegaram à foz do rio Perequê Açu, no município de Aracruz. Como de costume, procuraram as autoridades regionais. O prefeito

Primo Bitti e sua mulher Edite os receberam muito bem, tanto que os levaram aos remanescentes dos tupiniquins que, já bem miscigenados, viviam num lugarejo chamado Caieiras Velhas. Alguns desses índios mais velhos falavam um pouco de guarani, o que fez os recém-chegados acreditar que seus antepassados já haviam estado ali. Juntos, guarani e tupiniquim obtiveram da União a reserva indígena de Santa Cruz, uma área de cerca de 3 mil hectares, cujas árvores maiores já haviam sido cortadas, mas ainda mantinham o aspecto exuberante de uma densa floresta tropical. A demarcação, no entanto, não foi fei-



FOTOS: CLÁUDIA RODRIGUES

ta, facilitando a penetração dos brancos, que avançavam em busca de madeira, de terra para plantar ou pelo simples desejo de posse. A consequência natural desse processo é que hoje os guarani se sentem encurralados em Tekoa Porã. E a reserva está restrita a 1.700 hectares para cerca de 200 guarani e mais de mil tupiniquim.

Sempre diminuí a terra, cada vez diminuí mais. No começo demarcaram uma área de 3.000 hectares, mas depois que a Funai negociou com a Aracruz, a área diminuiu. A Funai demarcou menor área do que era nossa, revela Kwaray.

Justo na época da chegada dos índios, vindos do sul, as terras da

redondeza começaram a ser compradas para o plantio de eucalipto pela Aracruz Celulose, multinacional norueguesa que entrou na região em 1967. Apesar do crescimento dos eucaliptais, da indústria de celulose e dos distritos vizinhos, os guarani foram ficando.

Keretxu Miri, filha de Tatãti, revela: *Minha mãe teve um sonho quando chegou aqui e disse para todos que essa era a nossa terra, que Nhanderu havia aparecido no sonho dela dizendo isso e por isso ficamos e estamos aqui agora.*

Atualmente a aldeia de Tekoa Porã reúne 23 famílias, mas há cinco anos um grupo guarani de 15 famílias criou a aldeia de Três Pal-

meiras, distante quatro quilômetros de Tekoa Porã. Discreto, o cacique Tupã Kwaray, primogênito de Keretxu, evita comentar a dissidência.

Somos todos parentes e não gostamos de brigar. Alguém quer fazer casa em outro lugar, então vai. Não tem problema, mas tem que respeitar os conselhos antigos.

Um dos conselhos é não casar com pessoas de outras raças, mas Tupã Kwaray explica que é só um conselho.

É sempre conselho, conselho antigo para a gente não ficar fraco, para as pessoas não irem embora da aldeia. Quando a pessoa não quer seguir o conselho, não tem problema.

Na realidade, o conselho é a repetição insistente de conceitos e idéias que, por não estarem escritos, precisam ser martelados seguidamente numa cultura oral como a guarani.

FARMÁCIA NA MATA

Apesar de todo esse trabalho de recuperação e crescimento espiritual, os guarani não estão felizes. Isso se pode sentir conversando com o cacique da aldeia. Um dos motivos do desgosto é a dissidência que deu origem à aldeia Três Palmeiras. Os guarani demonstram não suportar a discórdia. Além disso, há motivos materiais por trás de sua desdita. Ocorre que recentemente os índios (tupiniquim e guarani) fecharam um acordo com a Aracruz Celulose, que se comprometeu a lhes pagar R\$ 10 milhões ao longo de 20 anos, para que se desenvolvam – no sentido da cultura branca, naturalmente.

“Um dia Nhanderu ensina o caminho...”

O cacique Tupã Kwaray (Jonas) usa os cabelos compridos, veste bermudas e camisa aberta no peito. Diz ter cinco filhos e cinco netos. Recebe os visitantes num galpão no alto da aldeia Tekoa Porã. As índias, com crianças, se aproximam e conversam em guarani sobre o que fazer com as oferendas dos brancos – alimentos, roupas, brinquedos. Responde as perguntas cuidadosamente.

O eucalipto estraga a terra, chupa toda a água, diz ele, repetindo um conceito banalizado pelo senso comum da região, onde a presença maciça do eucalipto desencadeou uma grande polêmica sobre os efeitos dessa monocultura no meio ambiente.

A comunidade ainda vai ver se plantará eucalipto, mas por ele plantaria árvores frutíferas para as crianças terem o que comer. Acrescenta que os índios não estão acostumados a plantar coisas que exijam adubo e tratamento contra formiga. E, – lembra ele –, foi depois do eucalipto que secou a lagoinha, onde jacaré vivia.

Mas a madeira do eucalipto não é boa para fazer casa? O cacique diz que, para durar, a madeira dessa árvore precisa de um tratamento.

Em outras palavras, o povo guarani prefere fazer suas roças de milho, aipim, banana, feijão, batata. Ano passado, diz Tupã Kwaray, eles colheram bastante café, tanto que venderam 22 sacas de 60 quilos.

Mas o essencial para o modo de vida do índio, lembra o cacique, é ter mata, sem o que desaparece a caça, diminui a água e escasseia o peixe. Ele conta mais uma vez a história da chegada a esta região:

Quando chegamos aqui, não tinha estrada nem ponte, só uma canoa para atravessar as pessoas. Daqui até a cidade de Aracruz, que se chamava Suauçu, eram 12 quilômetros por estrada de burro. Havia muito porco do mato, veado, tatu e capivara. Hoje a cidade está perto, tem estrada e pouco mato. A gente caminha para lá, encontra o eucalipto. Caminha para o outro lado, tem capinzal. Não se pode mais ensinar a criança a

viver na natureza. Guarani gosta de caçar, pescar e trabalhar na roça, mas se sentindo livre. A gente trabalha e, quando cansa, descansa na sombra; quando tem fome, come; e, quando tem sono, dorme.

O que fazer, então, se esse modo de vida está praticamente inviabilizado pelo desmatamento, as monoculturas (eucalipto, café, pasto) e a urbanização crescentes?

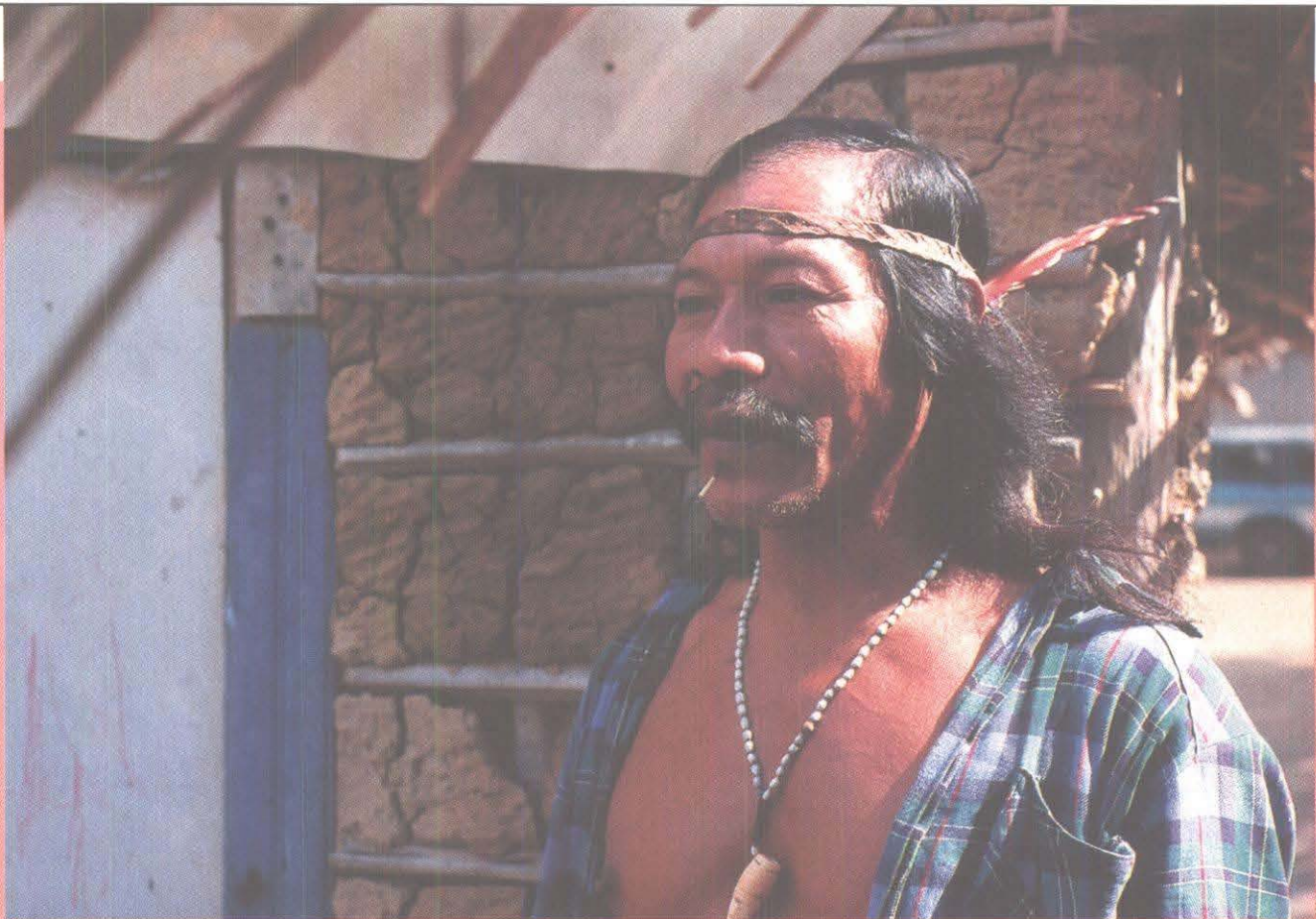
Os guarani estão procurando uma saída. Há alguns anos, eles procuraram o então governador Victor Buaiz, a quem pediram alguma terra que estivesse eventualmente sobrando, com muita mata, naturalmente. Eles tinham ouvido falar de Sooretama, uma reserva federal de 24 mil hectares onde ainda tem muito bicho, inclusive onça. Segundo Tupã Kwaray, o governador disse que não há terra disponível. A esperança continua. *Um dia Nhanderu vai mostrar uma mata suficiente para a gente viver*, diz Tupã Kwaray, lembrando que o índio guarani não briga por terra. Para justificar seu pacifismo, o cacique mistura idéias cristãs com suas convicções sobre o direito natural: *Deus ensina que*

Minoria na reserva, os guarani têm pouco peso nas decisões sobre o que fazer com os recursos financeiros oferecidos pela multinacional. No frígir dos ovos, naturalmente, não sobra nada para eles. Diz Tupã Kwaray: *Em Caieiras Velhas, tupiniquim tem cinco ou seis tratores. Aqui em Tekoa Porã, não temos nenhum”*.

Problemas à parte, os guarani conservam a mata que circunda a aldeia e fazem uso de ervas para curar dores, gripes, feridas e facilitar o parto das mulheres. Fumam cachimbo quando estão doentes, acendem fogueiras todos os finais de tarde e vivem para procriar. As mulheres são tímidas, quase não falam e vivem para cuidar dos fi-

lhos. São pacientes com as crianças e muitas delas têm os filhos com Keretxu Miri. Quando as crianças ficam doentes elas mesmas cuidam, sempre atentas aos conselhos e receitas de chás da líder espiritual.

Primeiro a gente trata com remédio da mata. Só no caso de não resolver é que buscamos remédio de branco, na farmácia, revela Wera Kwa-



CLAUDIA RODRIGUES

devemos amar o próximo como a nós mesmos. Se a gente brigar e matar por causa de terra, aí vem castigo para a gente.

O cacique sai para buscar um remédio para a gripe e pede à mãe, Keretxu Miri (Aurora), que fale um pouco. Herdeira da liderança espiritual da tribo, a anciã, sorridente, olhos luzidios, irradiando

do paz, diz que os guaranis se acostumaram com esse lugar e não se habituariam mais ao frio do sul. Dos hábitos antigos, cultivados na terra natal, o que eles mais prezam é o chimarrão. Nem sempre os índios têm dinheiro para comprar erva-mate. Mas o que mais pesa é a redução do espaço florestal. *Aqui está triste porque*

não tem mais sabiá cantando na mata, paca, cutia e nem jacaré na lagoa; não tem mais jacu nem capivara, mas guarani vai ficar e não vai brigar com branco nem com os outros índios, diz ela. E completa, sorrindo: Não tem o que fazer. Tem que ficar e esperar. Um dia Nhanderu ensina o caminho.

ray, o Toninho, 35 anos, filho caçula de Keretxu Miri e líder político da aldeia.

Em um passeio pela mata ele mostra remédio para dor no alto da barriga e também remédio para a dor no baixo ventre, explicando a diferença entre os sintomas. Mais alguns passos e ele encontra o capii, uma espécie de arroz nativo,

que é usado para facilitar os partos. *Essa outra planta aqui é boa para o câncer, diz ele, macerando com intimidade um punhado de folhas entre as mãos. Depois explica que a forma do preparo também é importante. Pode macerar assim com a mão ou no pilão. Pode ferver direto e também pode colocar para secar e fazer o chá depois”.*

Wera Kwaray conta que alguns remédios, como pomadas, já não são feitos com frequência pois as pomadas são misturas de ervas com graxa de animais selvagens. *Quase já não tem animais por aqui e então evitamos fazer as pomadas.*

Outro conhecedor das matas, caçadas e pescarias é Werá Djekupe, de 29 anos, o Marcelo. *Eu me*



FOTOS: CLÁUDIA RODRIGUES



preocupo com o futuro das crianças guarani e sempre que estou aqui levo-as para pescar, fazer armadilhas e aprender a lidar com a mata.

Werá se divide entre a cidade do Rio de Janeiro e a aldeia em que nasceu. Ele trabalha na Tingüi, uma organização não governamental que divulga a cultura indígena e também no Museu do Índio, em trabalhos de finais de semana.

Eu gosto mesmo é de ficar aqui na aldeia. Durmo melhor aqui, vivo melhor aqui, mas gosto do trabalho de divulgação cultural que faço. Werá, em 1997, esteve em Dusseldörf, na Alemanha, para divulgar o artesanato e os costumes de sua tribo. Quando está na aldeia só quer se divertir na mata e orientar as crianças para que não percam o contato com os hábitos de seus antepassados.

Branco tem umas coisas estranhas. Devastam áreas enormes para construir uma casa e ficam com pena de cortar um palmito, catar um guaiamu para comer, dispara, enquanto procura uma boa palmeira no meio da mata.

Assim que encontra ele mostra: Olha essa aqui, por exemplo: tem a maior que vai dar mais palmitos e por isso não posso cortar essa maior, mas

O resgate da língua

A diferença guarani-tupiniquim permanece e até se acentua. Enquanto os tupiniquim se misturaram aos brancos e negros, limitando-se a adicionar algumas palavras indígenas ao português falado correntemente, os guarani lutam para manter a identidade étnica. Entre si só falam o guarani. O professor Waldemar Ferreira Neto, da Universidade de São Paulo, visita periodicamente Aracruz para fazer a arqueologia da palavra guarani, que se manteve viva, até agora, graças à tradição oral. Ele prepara alguns jovens da tribo que repassam o aprendizado para as crianças em incipientes cartilhas. "Eles é que criam a forma escrita. Eu recebo o modo como pensam e não há nada rígido ainda, pois a escrita guarani está apenas começando", explica Waldemar.

O projeto de resgate da língua começou em 1997 e vai até 2001 com o apoio da Secretaria Estadual da Educação, da Prefeitura de Aracruz e da Fundação Nacional do Índio (Funai).

Além do registro escrito da língua, os guarani também estão resgatando pedaços da sua cultura. Em agosto de 1997 foi lançado o livro de 88 páginas *Revelações Sobre a Terra – A Memória Viva dos Guarani*, organizado pela antropóloga Celeste Tangerino, da Universidade Federal do Espírito Santo, contendo o depoimento de seis índios sobre a sua incrível busca da terra prometida.

"...pescar, fazer armadilhas, aprender a lidar com a mála"

posso pegar essa, cortar e comer que depois nasce outra.

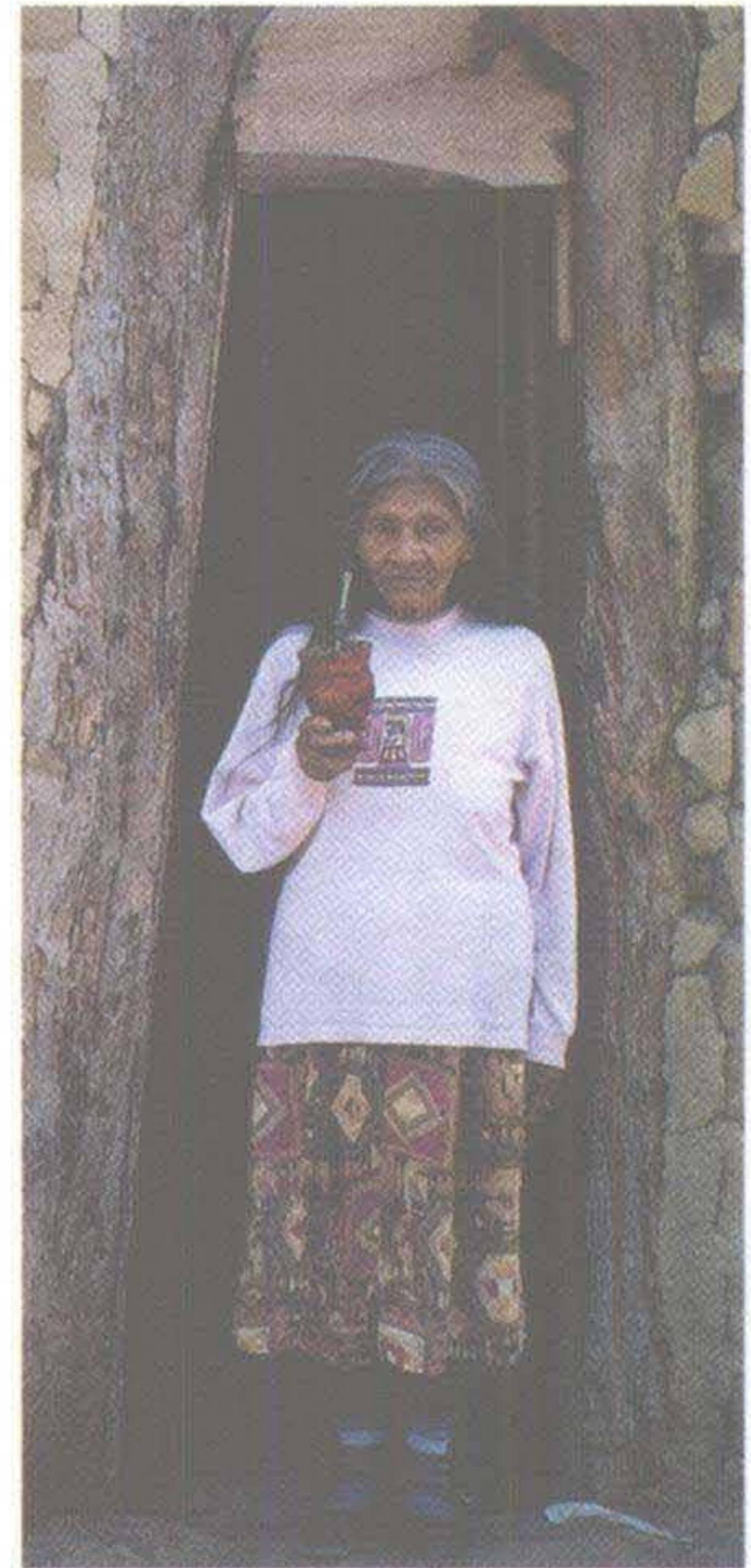
Ele corta a palmeira e, cinco minutos depois, já está descascando o palmito e oferecendo a todos uma prova.

Os guarani são obrigados, por lei, a registrar seus filhos em cartório com nomes e sobrenomes portugueses mas continuam fazendo o batizado das suas crianças com nomes indígenas.

Nós não batizamos a criança quando nasce pois ela não entende nada quando é muito pequena. A gente espera a criança ter luz, entender as coisas, mostrar como é, atender ao chamado, explica o cacique Tupã Kwaray.

Quem escolhe o nome é o pajé ou líder espiritual da tribo e a cerimônia é feita uma vez por ano no dia 15 de dezembro. A festa dura três dias recheados de cantos, rezas e danças.

Para eles isso é trabalho e se sentem bem por prover alimento para a família. Assim, diretamente, com a força dos braços, lidando com a terra. Estão confusos e



"Nhanderu disse que a terra é nossa"

divididos entre ecologistas, sociólogos, antropólogos e empresários, políticos, mídia de massa e governo. Pensam de um jeito completamente diferente e são de tal forma pacifistas, ou pacificados, que o que pensam, sentem e fazem, pouco pesa no final. Estão aprendendo a entrar na cidade com a cabeça erguida, estão descobrindo, como os negros, que não são menos do que os brancos. Mas a desvantagem é tremenda. Há 500 anos os brancos achavam que eles não tinham alma e em 1999 talvez imaginem que não tenham cérebro.